

Gravura sobre bloco de granito (Gardete, Vila Velha de Ródão): notícia do achado

Rock carving on granite block (Gardete, Vila Velha de Ródão): news of the find

Francisco Henriques

Sara Garcês

João Caninas



Gravura sobre bloco de granito (Gardete, Vila Velha de Ródão): notícia do achado¹

Rock carving on granite block (Gardete, Vila Velha de Ródão): news of the find

Francisco Henriques, arqueólogo, Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT)

Sara Garcês, arqueóloga, Instituto Politécnico de Tomar, Centro de Geociências, Universidade de Coimbra (u. ID73 – FCT), Instituto Terra e Memória (Mação)

João Caninas, arqueólogo, AEAT e CHAIA – Universidade de Évora

Resumo Dá-se notícia do achado de uma gravura incisa sobre bloco móvel de granito e inserida no umbral de um casa tradicional na aldeia de Gardete. O motivo é contextualizado com referência ao complexo de arte rupestre pré-histórica do vale do Tejo.

Palavras-chave Gardete, arte rupestre, bloco móvel

Abstract It reports the finding of an incised rock carving on a mobile granite block and inserted in the threshold of a traditional house in the village of Gardete. The motif is contextualized with reference to the complex of prehistoric rock art in the Tagus valley.

Keywords Gardete, rock art, loose block.

Introdução

Há vários anos fomos alertados para a existência de uma figura na parede de uma casa na aldeia de Gardete (Fratel, Vila Velha de Ródão). A figura em causa estava gravada sobre um bloco de granito, na face exterior de um velho edifício de dois pisos. Na ocasião, fomos também informados, por residentes, que o bloco em causa teria vindo do Castelejo de Gardete, sítio próximo da aldeia, com ocupação pré-histórica e presumivelmente medieval, mas nem isso despertou a nossa curiosidade². O motivo representado é uma oval raiada, com parciais semelhanças a outras da arte rupestre do Tejo. Assumiu-se o pressuposto de se tratar de uma representação solar.

O contexto arqueológico de Gardete

Em Gardete (Figura 1) e na sua envolvência existem diversos sítios arqueológicos que importa apresentar sumariamente para melhor compreender a presença da gravura em apreço.

Merece destaque o sítio do Castelejo (Figura 1, nº 2 e Figura 2), situado cerca de mil metros a sudeste da povoação de Gardete. Esta elevação, de formato cónico, tem a particularidade de ser a única ocorrência de rocha magmática intrusiva no município rodanense (Moita et al. 2015). O relevo, sobranceiro ao rio Tejo, atinge a cota de 256m, cerca 200m acima leito daquele rio e 50m acima do substrato de rochas metassedimentares do Grupo das Beiras. É, por isso, um lugar bem destacado na paisagem. No terço superior da elevação foi identificado um povoado pré-histórico (CNS 12422; Henriques *et al.* 1986; Henriques e Caninas, 1986; Monteiro e Henriques, 2008), com ocupação comprovada no Neolítico Final, após sondagens arqueológicas executadas em 2019³. No topo da elevação existe a base

¹ Revisto por dois membros do Conselho Científico.

² De Francisco Henriques e João Carlos Caninas.

³ Trabalhos dirigidos por Paulo Félix no âmbito do PIPA Mesopotamos.

Gravura sobre bloco de granito (Gardete, Vila Velha de Ródão): notícia do achado

Francisco Henriques, Sara Garcês e João Caninas

de uma torre medieval, para controlo do território e do próprio rio, que poderá corresponder à denominada Torre Dárdula, citada no limite da Guidintesta. Na base, no lado nordeste da elevação, foi identificado, em 2008, o topo de um pequeno menir fálico (Monteiro e Henriques, 2008).

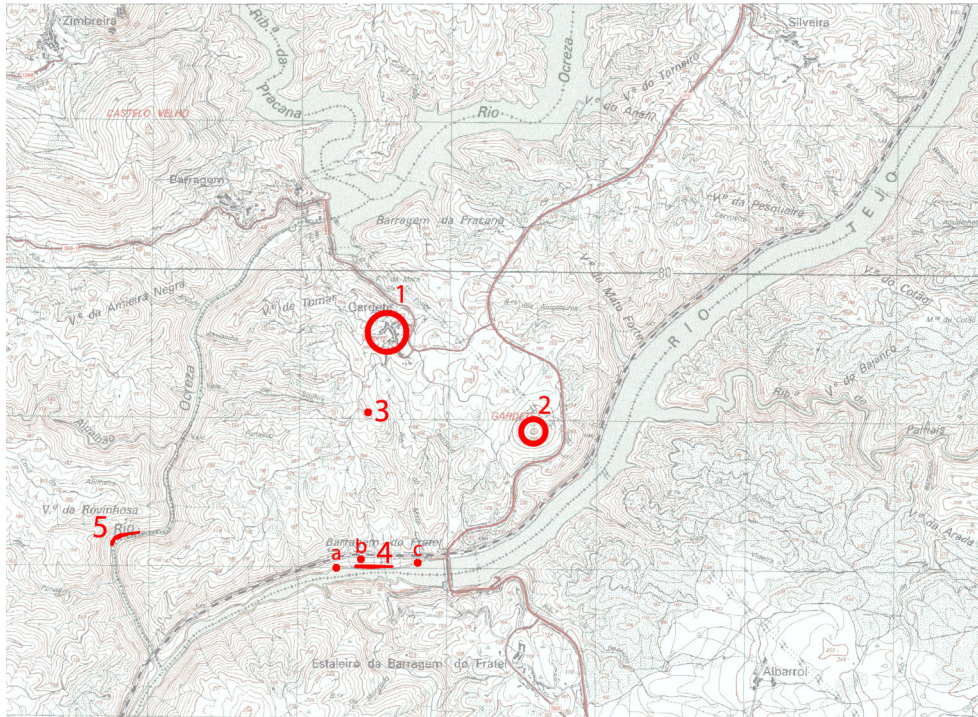


Figura 1. Extrato da folha 323 da carta Militar de Portugal, com a enumeração das principais ocorrências arqueológicas na área de Gardete: gravura de Gardete (1); Castelejo de Gardete (2); Anta (3); muro de sirga (4); Zonas de gravuras no Gardete (a-b-c); gravuras do Ocreza (5).

O casario de Gardete ostenta, ainda hoje, abundante alvenaria de granito daqui originária. Por este facto não é estranha a presença de um fuste de coluna em granito róseo, daqui oriundo, que serviu de pedestal à Senhora dos Remédios, antes da reconstrução da respetiva capela (CNS 12436; Henriques *et al.* 1986; Henriques e Caninas, 1986).



Figura 2. Sítio do Castelejo de Gardete (fotografia: Francisco Henriques).

A sul da aldeia, no sítio designado por Anta (CNS 27565) existe um alinhamento de quatro grandes blocos, provenientes de filão de pórfiro riolítico, que integram, atualmente, o limite de uma propriedade (Figura 1, nº 3). Não se trata de um monumento funerário, ainda que fenómeno idêntico se observe noutras zonas desta freguesia.

Na margem direita do rio Tejo, a jusante da barragem de Fratel, foram identificados pequenos núcleos de arte rupestre (Gardete I – CNS 2354 e Gardete II CNS 27563), ao longo de quase mil metros de margem rochosa (Figura 1, nº 4 e Figura 3). Aquando da sua descoberta, em 1971, fizeram-se 41 moldes, em latex, correspondentes a 26 painéis (Gomes, 2010). Para novo estudo o sítio foi revisitado por Sara Garcês (Garcês, 2018), inventariando novas gravuras e painéis. O sítio do Gardete é um dos sítios mais importantes do vale do Tejo, não apenas pela sua complexidade, mas por, juntamente com o Ocreza e São Simão, ser um dos sítios visitáveis e passíveis de ser estudado *in situ*, dependendo da dinâmica da barragem do Fratel. Apresenta um conjunto de 539 figuras distribuídas por 63

Gravura sobre bloco de granito (Gardete, Vila Velha de Ródão): notícia do achado

Francisco Henriques, Sara Garcês e João Caninas

rochas (Garcês, 2018). O sítio do Gardete é o primeiro sítio a jusante da barragem do Fratel e localiza-se na margem direita do rio Tejo. Três núcleos de gravuras rupestres são conhecidos hoje nesta zona: o primeiro núcleo de rochas com gravuras encontra-se a cerca de 240m da parede da barragem do Fratel, o segundo núcleo a cerca de 430m da parede da barragem, o terceiro núcleo (mais denso em termos de figuras) encontra-se a cerca de 670m da parede da barragem enquanto uma outra figura de um círculo concêntrico se encontra a cerca de 400m deste último núcleo. Tendo em conta os últimos trabalhos referentes a este sítio de arte rupestre, a documentação do sítio do Gardete seguiu 3 eixos diferentes: o decalque de 39 moldes de arte rupestre (dos anos 70), o levantamento de 9 rochas em contexto de trabalho de campo *in situ* (sendo todas as rochas inéditas) e a análise e incorporação dos dados referentes a 15 rochas publicadas por M.V. Gomes (2010) e cujos moldes ou não se encontravam na coleção analisada, ou possuíam menos informação do que a do decalque publicado, ou ainda, possuíam uma área inferior à representada nesse decalque.



Figura 3. Núcleo de arte rupestre de Gardete (fotografia: Francisco Henriques).

A variedade tipológica é relativamente acentuada, ainda que seguindo a forte tendência de apresentar como figuras mais comuns as figuras denominadas como estruturas lineares abertas, ou seja, linhas, feixes, linhas onduladas, zig-zag, ângulos, ferraduras, bucrânios, semicírculos, meandros, figuras em U ou U duplo, espirais, etc., e estruturas lineares fechadas, ou seja, círculos, ovais, círculos concêntricos, halteriformes e geométricos no geral (quadrados, retângulos, triângulos, forma de laço e geométricos irregulares).

O sítio do Gardete apresenta um conjunto de 31 sobreposições que se distribuem em 11 rochas das 63 do total. A esmagadora maioria das sobreposições acontece entre figuras do mesmo tipo (estruturas lineares abertas e estruturas lineares fechadas).

Tabela 1. Distribuição numérica da tipologia de figuras do sítio do Gardete. (Garcês, 2017).

Tipologia GARDETE	Quantidade	Porcentagem
Antropomorfos	18	3,3
Zoomorfos	14	2,6
Estruturas lineares	58	10,8
Estruturas lineares fechadas	332	61,6
Outros	12	2,2
Manchas Picotados	96	17,8
Inscrições	1	0,2
Indeterminado	7	1,3
Elementos de Simbologia Cristã	1	0,2
Total	539	100,0

Na foz do Ocreza, no verão de 1972, constatou-se a ausência de gravuras sobre suporte granítico, nos escassos afloramentos ali existentes (Gomes, 2010:26).



Figura 4. Exemplo de moldes do Gardete (G11 M498) e respetivo decalque (fotografia: © Flávio Nuno Joaquim, 2014; decalque: Sara Garcês, 2017).

O núcleo de Gardete integra o vasto complexo de arte rupestre do vale do Tejo que se distribui ao longo de várias dezenas de quilómetros, da foz do rio Ocreza até Herrera de Alcântara e em alguns dos principais afluentes do Tejo (rio Ocreza e rio Erges). As gravuras, em termos de datação, distribuem-se por vários milénios, do Paleolítico Superior à Idade do Ferro, com grafitos da época Moderna.

Todo este complexo de arte rupestre assenta, do ponto de vista geológico, no soco antigo, designado de Grupo das Beiras.

Paralelamente ao curso do rio Tejo, e na envolvência dos painéis com arte rupestre, existe um troço de muro de sirga⁴, que integrou o plano da navegabilidade do rio Tejo de Lisboa ao interior de Espanha. Este sirgadoiro é de época Moderna, está em mau estado de conservação e o arranque de pedra para a sua construção deve ter afetado superfícies com arte rupestre pré-histórica (Figura 5).

⁴ Único visível no concelho de Vila Velha de Ródão; todos os restantes trechos, situados a montante da barragem de Fratel, estão submersos.



Figura 5. Muro de sirga de Gardete (fotografia: Francisco Henriques).

No vale do rio Ocreza, localizado a cerca de mil metros a oeste da aldeia de Gardete e a jusante da barragem da Pracana, foram identificados vários painéis com gravuras pertencentes à mesma época e tipo (Garcês, 2017).

Os primeiros trabalhos de prospeção de gravuras rupestres no Ocreza foram realizados por uma equipa responsável pela documentação da arte rupestre do vale do Tejo nos anos 70. Como resultado desses primeiros trabalhos, foram identificadas três rochas com gravuras, das quais existem registos em moldes de látex. Entre 1974 e 1976, a mesma equipa identificou mais 20 painéis gravados, espaçados entre si, com poucas gravuras, localizados na margem direita a jusante da barragem da Pracana.

Em 1986, durante o esvaziamento da albufeira dessa mesma barragem, foram identificados três painéis com gravuras (dois com manchas de picotado e um com 18 covinhas) em uma área entre a Azenha das Zebras e uma região situada a montante da Azenha da Baixia (Henriques & Caninas, 1986). No entanto, somente no início do novo milénio, as gravuras do Ocreza receberam uma investigação

adequada com a descoberta da gravura do cavalo picotado de estilo paleolítico. Essa nova figura recebeu o número 21, seguindo a numeração de um antigo inventário realizado nos anos 70, mas que nunca foi publicado.

A descoberta da rocha com o cavalo paleolítico ocorreu durante os trabalhos de acompanhamento da construção da estrada A23, realizados pela equipa do CEIPHAR, o que motivou a realização de uma primeira campanha de prospeção em colaboração com o CNART (Baptista, 2001).

Além disso, foi elaborado um amplo programa de pesquisas que incluiu a reorganização do Museu Municipal de Mação, agora denominado Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo. Desde então, várias campanhas de trabalho foram conduzidas nas margens do rio Ocreza, com o objetivo de delimitar a dispersão geográfica da arte rupestre, contextualizá-la e expandir o inventário de sítios arqueológicos.

Durante esses trabalhos, foram atribuídas novas numerações às rochas encontradas, uma vez que os trabalhos anteriores não haviam sido publicados, impossibilitando a correlação com a numeração antiga (Oosterbeek, 2003). Nessas campanhas, foram registadas 22 rochas com gravuras entre a barragem da Pracana e a foz do rio Ocreza, em um trecho de aproximadamente 4 km.

Trabalhos recentes realizados no rio Ocreza, e seus afluentes, a montante das Portas do Almourão, identificaram um conjunto 15 sítios, com mais de uma vintena de painéis (Henriques & Caninas (1986b) e (Canha, Henriques & Henriques, 2009). Doze destes sítios encontram-se atualmente inventariados na base de dados da DGPC.

Atualmente o catálogo conta com um conjunto sensivelmente de 110 gravuras rupestres distribuídas por 27 rochas (Garcês, 2018) e, recentemente, mais um painel com arte paleolítica foi descoberto em contexto de escavação (Danelatos, 2022). A variedade tipológica das gravuras do Ocreza é relativa, predominando as

figuras geométricas e as manchas de picotado. É o único sítio do vale do Tejo que apresenta gravuras do Paleolítico Superior.

Há alguns anos foi publicado um trabalho de arqueologia espacial para o território de Fratel, espaço envolvido por acidentes naturais de difícil transposição, a norte e oeste pelos vales profundos rio Ocreza, a sul pelo rio Tejo e a Leste pela serra das Talhadas (Caninas, Henriques e Osório, 2017). Nesse estudo, numa tentativa de compreender a organização do território e da exploração dos seus recursos durante a Pré-História Recente, abordou-se a distribuição dos sítios de habitat, das sepulturas megalíticas, dos grafismos rupestres e as relações entre esses sítios e o território. Também se ensaiou uma comparação entre a ocupação antiga e a rede de povoamento atual.

A gravura de Gardete

A gravura em apreço está incrustada na parede de uma casa de habitação, no interior da aldeia de Gardete, na Travessa da Cevadeira, nº 2, junto ao atual forno do povo (Figura 1, nº 1 e Figura 6).

A casa tem rés-do-chão e primeiro andar. Foi construída em alvenaria de xisto e granito e não se encontra rebocada. No primeiro andar tem duas janelas e no rés-do-chão observam-se, atualmente, uma janela e uma porta, mas no passado teve duas portas. Uma das portas foi parcialmente entaipada e passou a janela. Foi recentemente beneficiada com um novo telhado. A fachada principal da casa está voltada a sul, para a rua pública. Existiu uma outra porta na parede oeste, mas está selada.

O edifício, segundo informação do senhor Pinto Fernando foi, no passado, uma casa comercial, com taverna, ou taverna e mercearia.

Gravura sobre bloco de granito (Gardete, Vila Velha de Ródão): notícia do achado

Francisco Henriques, Sara Garcês e João Caninas



Figura 6. Umbral de janela na qual se encontra inserido o bloco de granito com gravura (fotografia: Francisco Henriques).

O bloco gravado integra parte superior da ombreira de uma antiga porta, transformada em janela. Ocupa o topo da ombreira esquerda. O bloco foi afeiçoado em três lados (Figura 7). Na base (de acordo com a orientação atual), para melhor assentar sobre os blocos inferiores, no topo, mais estreito, para colocação estável dos blocos superiores, e no lado direito, para alinhar com o limite do vão da porta / janela. No lado esquerdo não foi afeiçoado e apresenta um abaulamento comum

nos granitos. Pode afirmar-se que o construtor teve a preocupação, talvez estética, em preservar a gravura, pelo modo como talhou o bloco.

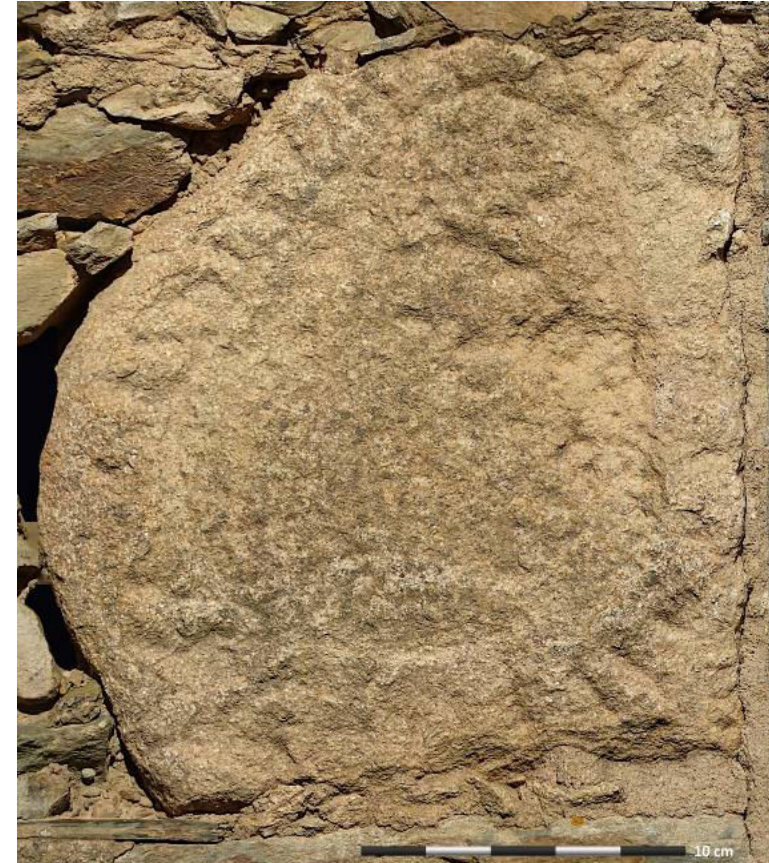


Figura 7. A gravura de Gardete, ortofoto_0.2mmpix (fotografia: Hugo Pires).

A gravura (Figuras 6 e 7) foi esculpida sobre um bloco de granito de grão médio com configuração subpentagonal. O bloco tem 44 cm de altura máxima, ao longo da ombreira da janela, 36 cm de largura, na base, e 23 cm de largura, no topo. Não foi possível recolher informação acerca da sua espessura, correspondente ao encaixe na parede. Curiosamente, parte do contorno atual do bloco, no lado esquerdo, acompanha o contorno da gravura.

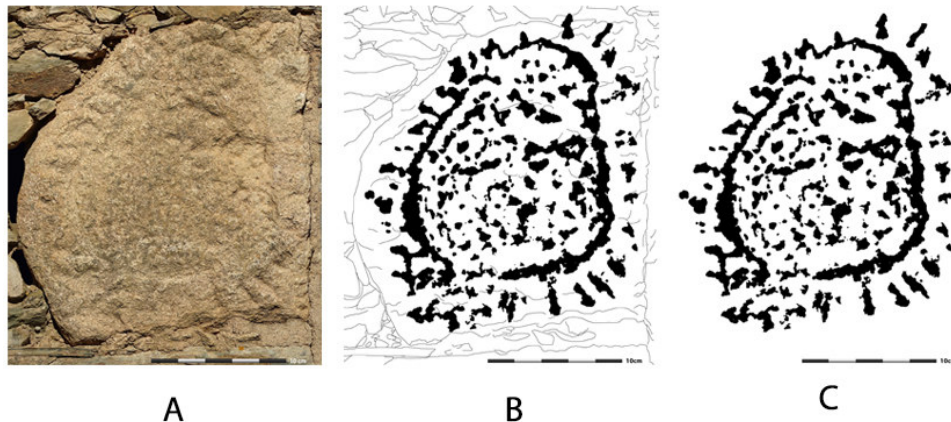


Figura 8. A) Soliforme de Gardete, ortofoto_0.2mmpix (Hugo Pires); B) Decalque com soliforme e fraturas (Sara Garcês); C) Decalque de soliforme (Sara Garcês).

O motivo é uma oval, em baixo-relevo, em cujo contorno, sobreelevado, foram incisos pequenos sulcos, equiparáveis a raios (Figuras 7, 8 e 9). Não se observam variações de patine.

O comprimento dos raios é variável e podem ter sido marginalmente amputados pelo talhe do bloco, para a nova função. No lado esquerdo, a cintura raiada, sobre a qual foram marcados os raios, têm cerca de 10 cm de largura.

A base, que foi talhada para melhor assentamento na parede, tem 7 cm de largura. O bordo que forma a ombreira da janela tem 5 cm de largura e a parte cimeira, debastada para encaixe na estrutura, tem apenas 3 cm.

A figura oval tem cerca de 0,7 cm de profundidade e é assimétrica. A base, atual, é mais larga (14,6 cm) que o topo (8 cm). Na posição atual, tem 16,9 cm de altura máxima. Tem 16,9 cm de diâmetro longitudinal e 14,6 cm de diâmetro transversal.



Figura 9. MRM da gravura de Gardete, 0.2mmpix (Hugo Pires).

O interior da oval apresenta picotado grosseiro descontínuo. No topo parece observar-se uma linha em arco, suavemente traçada, que une os limites rebaixados da figura. Ainda no interior, a meia altura e junto do limite direito da oval, existe uma zona, de configuração irregular, cuja superfície parece ter sofrido impacto que destruiu a superfície original.

O limite da figura oval é consumado por uma linha grosseira realizada por picotagem e melhorada por abrasão, em parte do perímetro. Entre esta linha e o

termo do bloco existe uma margem sobrelevada, já mencionada, onde foram incisos, por picotagem, pequenos traços, em forma de raios.

O comprimento destas incisões é variável. Uns iniciam-se na linha que limita a figura ovoide, outros foram abertos apenas na coroa que circunda a figura central. A distância entre raios contíguos é variável, mas aproximada. Contaram-se 30 raios.

Discussão

Na opinião de diversos investigadores, o rio Tejo, foi o grande santuário das primeiras comunidades agropastoris desta região. Esta gravura em particular apresenta a capacidade de suscitar múltiplas interpretações, o que lhe confere valor e interesse intrínsecos. A figura ovalada, caracterizada por incisões de pequenos sulcos que se assemelham a raios, pode ser compreendida como um soliforme, uma área cercada (possivelmente para gado) ou mesmo um manto (conforme M.V. Gomes, 2010). Neste trabalho, o nosso objetivo consiste em explorar as diversas hipóteses levantadas.

Segundo Mário Varela Gomes (Gomes, 2010:365-369), na arte rupestre do Tejo, existem 49 soliformes, que divide em cinco diferentes tipos. O motivo de Gardete pode enquadrar-se na segunda categoria, caracterizada por formas circulares (neste caso uma oval) de diferentes diâmetros, das quais partem raios em número e comprimento desiguais entre si. O número máximo de raios identificados num círculo é de 11, em Fratel. Na arte do Tejo esta tipologia de figuras pode surgir isolada, aos pares ou mesmo geminadas. Aquele investigador regista ainda figuras deste tipo em placas de tear, em vasos cerâmicos e em alguns abrigos com pintura esquemática.

Em termos gerais, as figuras, já documentadas na arte rupestre do Tejo, com maiores semelhanças com a presente são (Figura 10) a F 94.4 (Gomes, 2010: 366)

e a F 8.3 (Gomes, 2010: 367). A primeira é uma figura de configuração ovoide de onde irradiam 11 raios de formato triangular. A segunda integra sóis geminados, formados por figura oval, de pequenas dimensões, de onde irradiam 11 raios lineares.

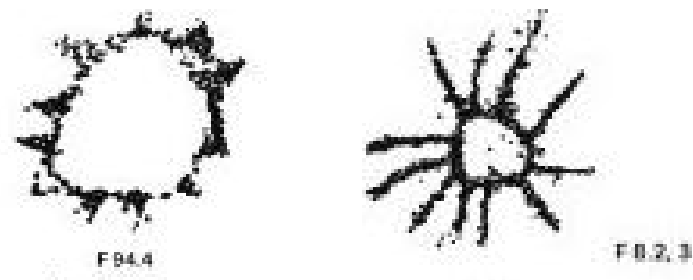


Figura 10. Gravuras F. 94.4 (Gomes, 2010:366) e F. 8.3 (Gomes, 2010:367), escala 1/10.

Varela Gomes regista outro tipo de motivo semelhante à gravura de Gardete, que denomina como “manto” (Gomes, 2010: 358-361). Este autor documenta três figuras desse tipo no Cachão de São Simão e uma em Fratel. A figura mais parecida com a representação de Gardete é uma oval dotada de franjas (Figura 11) na metade inferior do seu contorno (Gomes, 2010:359 - CAL 101B.55).



Figura 11. Manto (Gomes, 2010:359 - CAL 101B.55).

As diferenças são o tipo de suporte, as dimensões desta última (CAL 101B.55), que triplica a figura de Gardete, e o facto de aquela estar apenas raiada na metade inferior. Segundo o autor “estas terão constituído vestes cerimoniais, talvez atributo de algumas divindades, usadas para cobrir o corpo, abaixo dos ombros e eventualmente a cabeça” (Gomes, 2010: 358). E acrescenta que “não devemos afastar a hipótese das representações de mantos do Vale do Tejo terem constituído ex-votos dedicados às forças sobrenaturais que se julgaria ali existirem, tal qual acontecia com figurações de armas. Por outro lado, aqueles constituiriam bens de prestígio, com elevado valor, de procedência exógena, trocados por sobreproduto económico, ou elaborados localmente” (Gomes, 2010:361).

Sara Garcês (2017) identificou 43 soliformes, no complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, em mais de sete mil gravuras sobre 1636 rochas. Os soliformes correspondem a 0,6% da totalidade das figuras do complexo rupestre tagano (Garcês, 2017:132). Define soliforme como “formas que se aproximam do que poderia ser a forma convencional de um sol – um círculo de onde partem uma série de traços radiais que conformariam os “raios” (Collado Giraldo & García Arranz, 2006) e afirma que estes motivos podem surgir isolados, aos pares, estando frequentemente associados a outras figuras (Figura 12). A sua distribuição espacial, por conjuntos ou núcleos é muito assimétrica e documenta-se no gráfico seguinte (Figura 13).

Os soliformes representam assim uma das figuras mais interessantes e conhecidas da arte esquemática, possuindo o Tejo um conjunto bem amplo referente a este. Na bibliografia há também quem os denomine por “esteliformes”, ou seja, forma de estela (Acosta, 1968:132).

Este tipo gráfico é atribuído a um lapso de tempo que medeia entre o Neolítico Antigo e o fim da Idade do Bronze (Garcês, 2017).

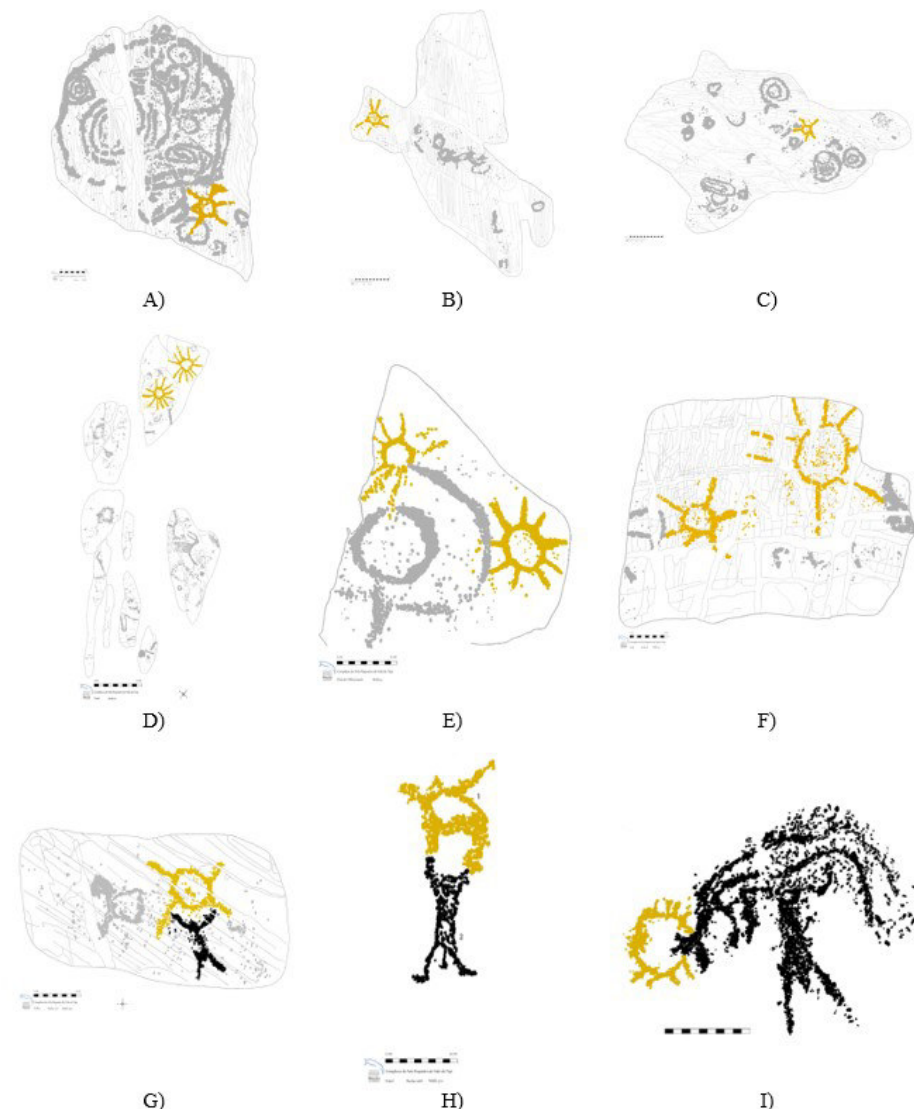
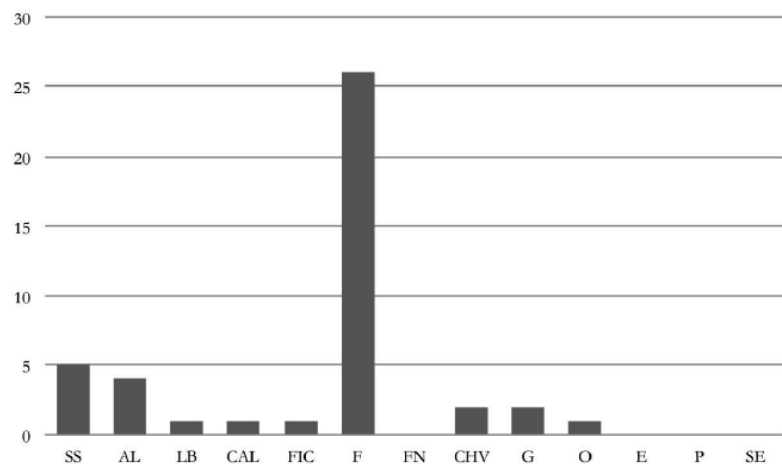


Figura 12. Exemplos de representações de soliformes do Tejo (Garcês, 2017). Em cima, figuras isoladas: A) F39 M91; B) F46 M1526; C) F55 M63; no meio, figuras em pares: D) F8; E) CHVJ4; F) F78 M44; em baixo, associados a antropomorfos com paralelo com figura da rocha SS158. G) FIC 12(1) M1554; H) F126A M372; I) SS158.

Em alguns abrigos com pintura esquemática encontram-se as mesmas figuras soliformes. Exemplos são: abrigo de Pala Pinta (Alijó, Portugal), o mais conhecido em território português com este tipo de motivos (Correia, 1922; Santos Júnior, 1933; Alarcão, Hespanha & Belchior, 1961; Sousa, 1989; Baptista, 1986; Figueiredo, 2013; Martins, 2014), o abrigo da caverna dos Riscos (Colmeal, Figueira de Castelo Rodrigo) ou o abrigo El Amanhecer, El Sol, Pectisol, El Veranito ou El Ciempiés (Serradilla, Parque Nacional de Monfragüe) (Collado Giraldo & García Arranz, 2007) (só para citar alguns).



Distribuição espacial dos soliformes pelo vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.

Figura 13. Distribuição de soliformes na arte rupestre do Tejo (Garcês, 2017:129)

Segundo Garcês (2017), no Tejo, os soliformes para além de aparecerem isoladas, surgem também aos pares nas seguintes rochas: F78 M44; CHVJ4; F78 M44; F83 M1528; F90; F132 M334; G7 M502; geminados (F133C M1351) e associados a antropomorfos (SS137A M985), figurando por vezes em raras cenas em que as figuras humanas seguram no ar, de braços abertos, um sol (F126A M372; FIC12(1) M155). No Tejo, comparam-se estas figuras com a figura do antropomorfo que segura um veado morto da rocha 158 de São Simão. De referir que neste caso, a

circularidade e a presença dos galhos neste veado morto sugerem uma conotação solar, também pelo facto de se perceber que as hastes foram fechadas posteriormente. Esta situação verifica-se em três veados do Tejo: no veado morto SS158:1, no veado AL14 M1052:1 e no veado SS199-200-201-202:10. As figuras da rocha 12(1) M1554 de Ficalho são em tudo semelhantes ao antropomorfo que suporta um soliforme no cromeleque 17 da Portela de Mogos (Évora) (Calado, 2005; Gomes, 2001, 2010).

Noutra abordagem sobre a arte rupestre do Tejo, Raiza Gusmão (2019) definiu seis tipos de soliformes que enquadra em motivos solares distribuídos por Portugal e Espanha, na forma de gravura ou pintura. A gravura de Gardete parece corresponder ao quarto tipo de R. Gusmão, o soliforme com corpo preenchido, em virtude do rebaixamento por picotagem do interior da oval.

Os soliformes, em termos gerais, podem surgir ao ar livre, em abrigos, estes últimos pintados, em vasos cerâmicos ou ornamentando placas cerâmicas, subretangulares, comumente designados pesos de tear. Estes motivos “apesar de estarem presentes nas etapas mais antigas da arte esquemática, registam uma ampla vigência e difusão até ao Calcolítico e Idade do Bronze” (Collado Giraldo & García Arranz, 2013:56).

A iconografia soliforme é, igualmente, aplicada à decoração cerâmica, ainda que por vezes se considerem também como representações de ídolos oculados, já que os “olhos” são gravados como figuras de soliformes. No entanto, existem exemplos distintos em diferentes períodos que podem ser de grande ajuda para contextualizar cronologicamente esse motivo. Entre o final do IV milênio e o III milênio a.C., surgem diversos exemplos de recipientes decorados com raios ou soliformes, como é o caso do fundo de uma taça carenada encontrada no recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 (Portel) (Rodrigues, 2013:446), no povoado de S. Pedro (Redondo) (Costeira, Mataloto & Roque, 2013) e no Outeiro de S. Mamede (Bombarral) (Cardoso & Carreira, 2003). Este motivo, em forma de olhos raiados, surge também em contextos funerários como na Grande Anta do Olival da Pega (Gonçalves,

1999:75), no sepulcro 2 do Povoado dos Perdigões (Valera *et al.*, 2000:104), mas também em contextos habitacionais como no povoado de S. Lourenço (freguesia de Eiras, Chaves) (Jorge, 1986; Fábregas Valcarce, 1993) e no povoado de Los Cercados, em Valladolid (García Barrios, 2005). Talvez o mais famoso exemplar seja a taça datada do Calcolítico de Los Millares (Santa Fé de Mondújar, Almería). De referir que, esta taça foi encontrada na necrópole do povoado fortificado de Los Millares durante as escavações realizadas no final do século XIX e fazia parte de um conjunto de objetos onde se incluía um outro vaso esférico com uma decoração incisa no seu interior, composta por círculos radiados irregulares como soliformes e diversas linhas (Pardo, 2006).

Existem ainda figuras de soliformes presentes entre as numerosas placas sub-retangulares de argila cozida (Figura 14) encontradas em Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). O fato de todas as peças completas encontradas terem quatro furos em cada canto levou à interpretação de que eram pesos de tear, comumente associados ao Calcolítico. Pelo menos 28 exemplares apresentam representações solares e lunares, integrando-se, de acordo com J.M. Arnaud (2013), em uma ideologia de culto de natureza propiciatória da fertilidade (Arnaud, 2013).

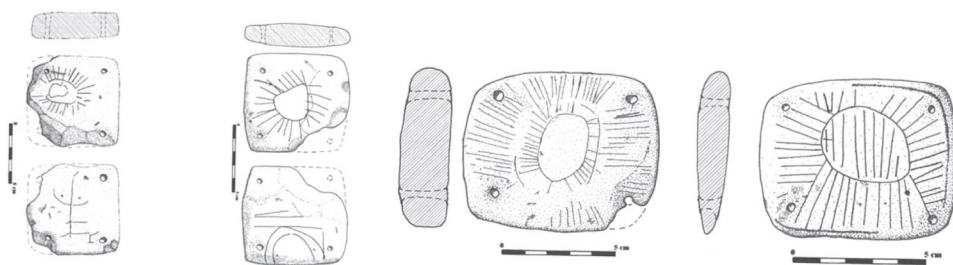


Figura 14. Representações de pesos de tear com gravuras de soliformes do povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (adaptado de Arnaud, 2013).

Apesar da gravura do Gardete possuir semelhanças na sua forma com um soliforme, o seu tamanho (muito grande) difere dos padrões comumente encontrados em figuras desse tipo no vale do Tejo. Portanto, surge a possibilidade de uma interpretação distinta, sugerindo que essa figura represente não um

elemento solar, mas sim uma estrutura semelhante a um curral de gado ou um recinto utilizado para abrigar animais (apenas uma hipótese). Embora esse tipo de figura não seja frequentemente abordado na arte esquemática, considera-se essa hipótese válida para o presente estudo. Como paralelo, apresenta-se uma figura de forma idêntica (Figura 15) localizada no Abrigo Verde na Serra de San Serván (Arroyo de San Serván, Badajoz). A Serra de Arroyo de San Serván é uma área com elevada quantidade de abrigos com pinturas esquemáticas, em bom estado de conservação e com uma grande variedade de motivos representados (Collado, *et al.*, 1997; Caballero & Ortiz Macías, 1990) e faz parte de uma extensa região com larga tradição de estudos de arte rupestre (Domínguez-García, *et al.*, 2013).

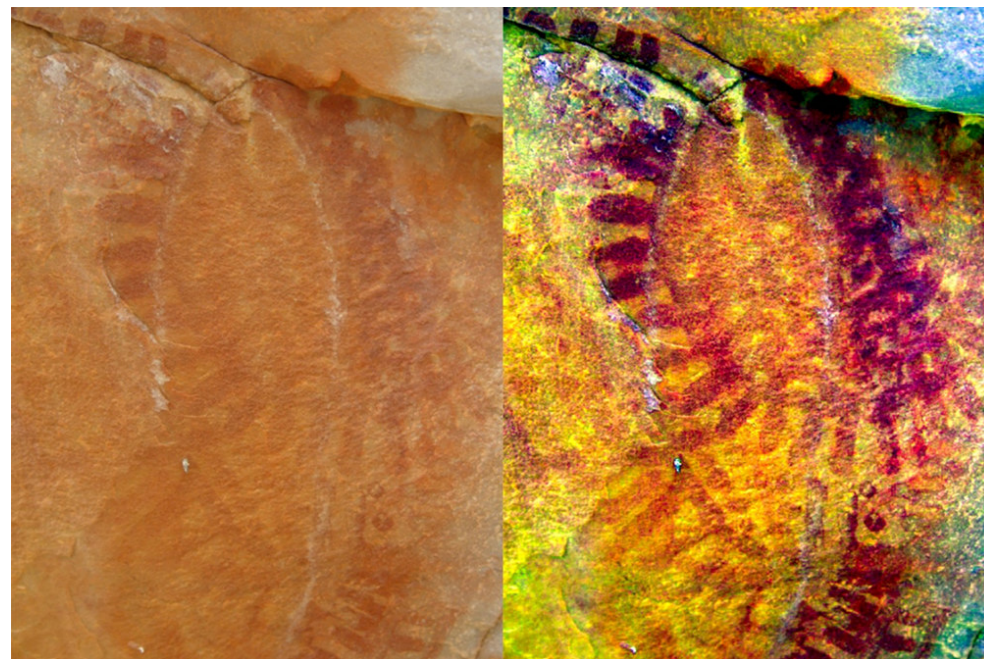


Figura 15. Figura do Abrigo Verde da Serra de San Serván, Badajoz. Figura semelhante à gravura do Gardete. Foto gentilmente cedida por Hipólito Collado Giraldo.

Num contexto regional mais alargado, algumas dezenas de km a norte do rio Tejo, foi identificado, junto à vila de Penamacor, no sítio da Casa do Ramalho, um outro exemplar com características peculiares (Henriques *et al.*, 2019). O motivo solar foi

Gravura sobre bloco de granito (Gardete, Vila Velha de Ródão): notícia do achado

Francisco Henriques, Sara Garcês e João Caninas

gravado num plano inclinado voltado a nascente sobre a entrada de um pequeno abrigo, definido por amontoado de grandes blocos graníticos. As faces exteriores daqueles blocos exibem fissuração poligonal natural com formas quadrangulares a pentagonais.



Figura 16. Soliforme da Casa do Ramalho, em Penamacor (Henriques et al., 2019). (fotografia: Francisco Henriques; 3D: Hugo Pires).

O conjunto gráfico é representado por um círculo e respetivos raios e mede 1m na direção sul-norte e 1,5 m na direção este-oeste. “Os sulcos, abertos de origem por mão humana ou afeiçoados a partir de sulcos naturais pré-existentes, têm secção em V, com uma variação de largura, na face do painel, entre 4cm e 5cm, e com profundidade de 4cm.

No segmento sul e oeste, correspondente ao fecho do círculo, verifica-se que os sulcos não coincidem. Além disso, no fundo do sulco observam-se marcas do instrumento metálico (escopro), que terá sido utilizado para a sua abertura [ou aperfeiçoamento], cuja superfície cortante não ultrapassaria 2cm. Um dos “raios”, com origem na alteração poligonal do granito, que não atingia o círculo, foi completado com um pequeno prolongamento manual do respectivo sulco (Henriques et al. 2019:67-68).

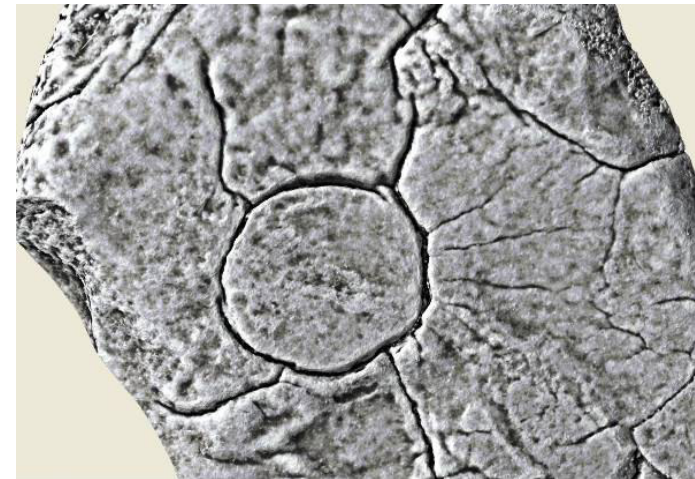


Figura 17. MRM do soliforme de Casa do Ramalho (Hugo Pires em Henriques et al., 2019).

A singularidade da gravura consiste na complementaridade entre os sulcos naturais, resultantes da alteração poligonal do granito e o trabalho humano, com objetivo de melhorar a expressão ou reforçar a forma natural pré-existente. Para a sua datação não existem outros indícios além das marcas de escopro no fundo dos

sulcos. Por este facto, poderá tratar-se de motivo com enorme amplitude temporal, entre a Idade do Bronze e a Época Moderna - Contemporânea.

Neste trabalho (Henriques et al. 2019) é ainda mencionado um outro grande motivo solar, em Côvelo do Paivô⁵.

Bibliografia

ACOSTA, Pilar (1968) - La Pintura Esquemática en España. *Memorias del Seminario de Prehistoria y Arqueología* 1. Universidad de Salamanca; Facultad de Filosofía y Letras, 233p.

ALARCÃO, Jorge Manuel; HESPANHA, Maria Cândida da Fonseca & BELCHIOR, Maria Claudette Alves (1961) - Notícias “Nova et vetera”. *Conimbriga*, 2-3: 295-327, Coimbra.

ARNAUD, José Morais (2013) - Reflexões em torno das placas de cerâmica com gravuras de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). IN: ARNAUD, José; MARTINS,

Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 447-455.

BAPTISTA, António Martinho (1986) - Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, *História da Arte em Portugal*. Do Paleolítico à Arte Visigótica, pp. 30-55, Publicações Alfa, Lisboa.

BAPTISTA, António Martinho (2001) - Ocreza (Envendos, Mação, Portugal central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre. IN: Ana Rosa Cruz, Luiz Oosterbeek (Coord.), Territórios, mobilidade e povoamento no Alto-Ribatejo. II: Santa Cita e o quaternário da região, Tomar. *Arkeos: perspectivas em diálogo*. 11:163-192. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

CALADO, M. (2005) - Menires do Alentejo Central-Génese e evolução da paisagem megalítica regional (Tese de doutoramento inédita). Universidade de Lisboa.

CANHA, A.; HENRIQUES, F.; HENRIQUES, F. (2009) - Estudo de Impacte Ambiental em Fase de Estudo Prévio do Aproveitamento Hidroeléctrico do Alvito (Castelo Branco e Vila Velha de Ródão) – Descritor património arqueológico, arquitetónico e etnológico, Zephyros, inédito.

CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco & OSÓRIO, Marcos (2017) - Ocupação do Território de Fratel (Vila Velha de Ródão, Portugal) na Pré-História Recente: ensaio de análise espacial, *Scientia Antiquitatis*, nº 1, p. 177-208.

CARDOSO, João Luís & CARREIRA, Júlio Roque (2003) - O Povoado Calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): Estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 11: 97-228.

COLLADO GIRALDO, Hipólito (2006) - *Arte rupestre en la Cuenca del Guadiana: El conjunto de grabados del Molino Manzániz (Alconchel-Cheles, Badajoz)*. 534p.

⁵ “No início de 2017 um dos signatários obteve, junto do coordenador do Centro de Interpretação Geológica de Canelas, cópia de trabalho de Manuel Valério de Figueiredo com o título Gravura Rupestre de Regoufe, Côvelo do Paivô (Figueiredo, 2010). A gravura em causa designada de “Marca dos Mouros” localiza-se na margem direita da Ribeira de Regoufe “a cerca de 10 metros do nível médio das águas da ribeira, o suporte do motivo é constituído por um grande bloco de granito, voltado para Sul (...), que percorre a sua margem ao longo de 50 metros, apresenta cerca de 15 metros de largura, estando inclinado para a ribeira, entre 45% a 60%, no sentido Norte/Sul. O acesso à gravura só é possível com o auxílio de cordas, o que dificultou o seu levantamento fotográfico com escala, na parte superior Norte existe um enorme caos de blocos de granito”. A gravura foi aberta por picotagem e “o motivo gravado é constituído por um círculo fechado como um anel, com cerca de 120mm de largura, por uma profundidade variável entre 10 e 30 mm, o seu diâmetro máximo chega aos 1240mm. A cova central está um pouco deslocada para Oeste, tendo uma orla superior com 270mm, atingindo uma profundidade em forma de funil que atinge os 300mm, terminando em forma circular com 30mm de diâmetro. Circundam o círculo como raios, sete traços com comprimentos variáveis entre 350 e 500 mm, cinco são bem visíveis, os restantes dois, parecem mais erodidos, podendo alguns estar relacionados com fracturas da rocha pré-existentes. No entanto essa disposição em forma de raios, suscita a representação abstracta do Sol. Poderíamos argumentar que o buraco central serviria para a colocação de uma peça móvel, no entanto esta possibilidade só pode ser encarada em estudos futuros”.

COLLADO GIRALDO, Hipólito & GARCÍA ARRANZ, José Julio, eds. (2007) - *Corpus de Arte Rupestre en Extremadura. Volume II: Arte Rupestre en la Zepa de la Serena: Puebla de Alcocer, Esparragosa de Lares y Campanario*. 431p.

COLLADO GIRALDO, Hipólito & GARCÍA ARRANZ, José Julio (2013) - Reflexiones sobre la fase inicial del arte rupestre esquemático en Extremadura a raíz de las recientes investigaciones. IN: MARTÍNEZ GARCÍA, Julián & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (Coord.) *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, 5-8 de Mayo 2010. Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 287-299.

CORREIA, Virgílio (1922) - Aditamento (a Arte Rupestre em Portugal - A Pala Pinta de Horácio Mesquita). *Terra Portuguesa*, 4: 145-147.

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2013) - Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4º/3º milénio A.N.E. dos povoados de S. Pedro (Redondo). IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 397-406.

DANELATOS, Dionysios (2022) - The Upper Paleolithic rock art in Tagus Valley Rock Art Complex (context, style, and chronology). INTERNATIONAL MASTER ERASMUS MUNDUS IN QUATERNARY AND PREHISTORY: Polytechnic Institute of Tomar (Portugal), Univerisità Degli Studi di Ferrara (Italy), University Rovira i Virgili de Tarragona (Spain) and National D'Histoire Naturelle Museum of Paris (France).

DOMÍNGUEZ GARCÍA, Isabel; COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio (2013) Un siglo de investigación para la pintura rupestre esquemática de la provincia de Badajoz. Evolución de la metodología y nuevas aportaciones. Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica: Comarca de Los Vélez, 5-8 de mayo 2010 / coord. por Julián Martínez García, Mauro S. Hernández Pérez, ISBN 978-84-616-6583-9, págs. 279-286.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (1993) - Las representaciones de Bulto Redondo en el megalitismo del Noroeste. *Trabajos de Prehistoria*, 50: 87-101.

FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de (2013) - *A Arte Esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens*. [Tese de Doutoramento]. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. 2vols. 357p.

FIGUEIREDO, Manuel Valério de (2010) - Por Terras do Rei Lobo – I – Gravura Rupestre de Regoufe, Côvelo do Paivô (Notícia Preliminar).

GARCÊS, Sara (2017) - *Cervídeos: Símbolos e Sociedade nos primórdios da agricultura no Vale do Tejo*, Dissertação de doutoramento na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

GARCÊS, Sara (2018) - Corpus do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo. Serie *Area Domeniu*, suplemento especial, Mação: Instituto Terra e Memória.

GARCÍA BARRIOS, Ángel (2005) - Dos singulares testimonios de cerámica simbólica en el Valle Medio del Duero: los rostros calcolíticos de “Los Cercados” (Mucientes, Valladolid). *Zephyrus*, 58: 245-259.

GONÇALVES, Victor (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa, 153p.

GOMES, Mário Varela (2001) - Arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal) - Antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologia e interpretações), *Série Arqueológica - Semiótica del Arte Rupestre*: 53-88. Academia de Cultura Valenciana, Sección de Prehistoria y Arqueología. Valência: Diputación Provincial de Valencia.

GOMES, Mário Varela (2010) - *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico*. [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 2 vols. 1643p.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J.; BATISTA, J.; HENRIQUES, A.; PEQUITO, A.; MARQUES, F. & AFONSO, V. (1986) - Achados: Prospecção e Reconhecimento. *Informação Arqueológica*, 6 (1984). Lisboa, p. 9-22.

HENRIQUES, F. & CANINAS, J. (1986a) - Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (2). *Preservação*, 7. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão, p. 79.

HENRIQUES, F. & CANINAS, J. (1986b) - Relatório de Prospecção Arqueológica do Vale do Ocreza, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, inédito.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário; ROBLES, HENRIQUES, F.; ANTÓNIO, T.; SANTOS, C.; CANHA, A. (2013) - Grafismos rupestres em afluentes do rio Tejo no distrito de Castelo Branco. *Açafa* 6: 67-112.

HENRIQUES, Francisco; NETO DE CARVALHO, Carlos; FERRO, Sara; HUGO, Pires; CANINAS, João & VILAS BOAS, Mariana (2019) - Casa do Ramalho (Penamacor): um abrigo rupestre com um grande soliforme, *Materiais*, III série, nº 4, Castelo Branco, p.53-79.

GOMES, Mário Varela (2010) - Arte Rupestre do Vale do Tejo, Um Ciclo Artístico e Cultural Pré e Proto-Histórico, Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 3 volumes. Inédito.

GUSMÃO, Raiza Cristina dos Santos (2019) - Motivos soliformes na arte esquemática – o vale do Tejo no seu contexto peninsular, dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-histórica e arte rupestre, Instituto Politécnico de Tomar.

JORGE, Susana Oliveira (1986) - *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): Bases para o conhecimento do IIIº e Princípios do IIº Milénios a.C. no Norte de Portugal*. [Tese de

Doutoramento]. Faculdade de Letras, Universidade do Porto.1146p.

MARTINS, Andrea (2014) - *A Pintura Rupestre do Centro de Portugal. Antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris*. [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve. 2vols. 552p.

MOITA, Patrícia; DIAS, Luis; MIRÃO, José e NETO DE CARVALHO, Carlos (2015) - Análise petrográfica e química mineral do “aplito de Gardete”: origem das cantarias do castelo de Ródão? *AÇAFA On Line*, nº 10 (2015) p. 73-85.

MONTEIRO, M.; HENRIQUES, F. (2008) - Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental. Em fase de Estudo Prévio, do Projecto IP2-IP6 (A23) / Portalegre / IP7 (A6), elaborado por EMERITA Lda. para ECOSERVIÇOS Lda. Lisboa.

MUÑOZ-TORRERO CABALLERO, Emilio & ORTIZ MACÍAS, Magdalena (1990) Pinturas rupestres esquemáticas: escenas y composiciones. Arroyo de San Serván, Mérida y Zarza de Alange (Badajoz). *Revista de Estudios Extremeños*, ISSN 0210-2854, Vol. 46, Nº 1, 1990, págs. 87-11.

OOSTERBEEK, Luiz (Coord) (2003) - Vale do Ocreza – Campanha 2001. *Techne* 8: 41-70. Tomar.

PARDO, Pilar (2006) - *Cuenca Calcolítico de los Millares (Almería)*. Museo Arqueológico Nacional. 14p.

RODRIGUES, Filipa (2013) - Ídolomania: figuras antropomórficas e “ídolos de cornos” do recinto de fossos de neolítico final da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora). IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 435-446.

Gravura sobre bloco de granito (Gardete, Vila Velha de Ródão): notícia do achado

Francisco Henriques, Sara Garcês e João Caninas

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos. (1933) - O Abrigo Pré-Histórico de Pala Pinta. *Trabalhos Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 6 (1): 31-43.

SOUSA, Orlando (1989) - O Abrigo de Arte Rupestre da Pala Pinta (Alijó). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 29: 191-198. Porto.

VALERA, António; LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; EVANGELISTA, Lucy Shaw (2000) - Ambientes Funerários no Complexo Arqueológico dos Perdigões. Uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *ERA Arqueologia*, 2, Lisboa, ERA/Colibri, pp. 84-105.